



**Universidade Federal De Santa Catarina
Centro De Ciências Biológicas
Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas**

Daniele Borba Voigt

**Amar os não-amados: experimentos
literários em encontros com
outros-que-humanos**

**Florianópolis
2025**

Daniele Borba Voigt

**Amar os não-amados: experimentos literários em encontros
com outros-que-humanos**

Trabalho Conclusão do Curso de
Graduação em Ciências
Biológicas do Centro de Ciências
Biológicas da Universidade
Federal de Santa Catarina como
requisito para a obtenção do
título de Licenciado em Ciências
Biológicas

Orientador: Prof. Victor Anselmo
Costa, Me.

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado
gerenciado pela BU/UFSC.

Dados inseridos pelo próprio autor.

Voigt, Daniele Borba

Amar os não-amados: experimentos literários em encontros
com outros-que-humanos/ Daniele Borba Voigt ; orientador, Victor
Anselmo Costa, 2025.

116 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas,
Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Estudos multiespécies. 3. Literatura.
4. Antropoceno. 5. Artes da atenção. I. Costa, Victor
Anselmo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação
em Ciências Biológicas. III. Título.

Daniele Borba Voigt

**Amar os não-amados: experimentos literários em encontros
com outros-que-humanos**

Florianópolis, 10 de novembro de 2025.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e
aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes
membros:

Prof. Leandro Belinaso, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Eduardo Silveira, Dr.
Instituto Federal de Santa Catarina

Ariana Sousa de Moraes Sarmiento, Me.
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Victor Anselmo Costa, Me.
Orientador

Florianópolis, 2025.

Às bactérias que primeiro colonizaram as dobras do meu intestino, dedico como saudosa lembrança estas histórias vivas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos membros da banca, por aceitarem participar da conclusão dessa jornada comigo.

Agradeço ao professor Bruno, que me orientou no LABIAQ, ao professor Renato, pelas aulas incríveis e pela orientação no Sporum e no LABITEL, e à professora Dani, pelo bom humor e pela dedicação na coordenação do curso. Agradeço muito ao professor Marcelo, por sua orientação maravilhosa no PIBID e no Estágio Supervisionado.

Agradeço também aos colegas do LAVeg, em especial a professora Ana Cláudia, por me acolherem com tanto carinho neste último ano da graduação. Depois de tantos desencontros com essa área, enfim pude trabalhar com plantas.

Agradeço aos meus colegas do PIBID Biologia 2022 e da turma de Estágio Supervisionado, pelas ótimas discussões e aprendizados, por me proporcionarem muitas risadas e muitas sabedorias. É muito lindo tornamo-nos professores juntos.

Agradeço aos meus professores do IFC Rio do Sul, que ainda são minha maior inspiração para a docência.

Agradeço aos meus pais e à minha irmã por investirem e apoiarem tanto a minha educação.

Agradeço muito à Lol, uma amiga maravilhosa que conheci no primeiro dia da graduação e que se tornou uma das

pessoas mais especiais na minha vida. Muito obrigada por ser minha dupla no estágio e na vida, e por todas as conversas, risadas, trabalhos em grupo, viagens, shows e abraços. Lol, você é minha maior inspiração na Biologia.

Agradeço aos meus amigos Lucas, Igor, Raquel, Ana, Pip, Leo, Bia. Obrigada por fazerem estes anos valerem a pena. Eu sou muito feliz com vocês.

Ao Gabriel. Obrigada por ser meu melhor amigo e companheiro de aventuras.

Agradeço aos colegas do Malhas da Contaminação pelas ótimas discussões, por todo seu apoio e carinho e pelo companheirismo nessa área de estudos que ainda estamos desbravando.

Agradeço principalmente ao meu orientador. Victor, obrigada por me lembrar como a Biologia pode ser encantadora, por todo o apoio a essa pesquisa, e por me mostrar que não estamos sozinhos. Obrigada por acolher a mim e a esse trabalho, pela sua leitura e orientação sensíveis e por acreditar que eu conseguiria escrever isso. Essa pesquisa não existiria sem você.

Companheiros, *cum panis*, juntos à mesa. Estamos em risco uns com os outros, somos a carne uns dos outros, comemos e somos comidos - e ficamos com indigestão. Estamos, no sentido de Lynn Margulis, na conjuntura simbiogenética de viver e morrer na Terra. (Haraway, 2021)

RESUMO

Paineiras germinam em meus sonhos e aranhas me ensinam a fazer crochê melhor. Em meio à crise climática e o excepcionalismo antropocêntrico, um estudante de Biologia está tentando sair de sua bolha humana para aprender a viver com seres de outras espécies, em especial àqueles sem nenhum apelo ético aparente aos humanos: feios, asquerosos, aterrorizantes, inúteis. Estes seres têm sido chamados de “não-amados”, e eles estão especialmente em perigo em meio à crise climática, pois a sua perda, na maior parte, não causa impacto emocional ou cultural aos seres humanos. Nesse contexto, os estudos multiespécies surgem como um campo de estudos indisciplinar, que se debruça sobre os entrelaçamentos entre as vidas humanas e “não-humanas”, por meio de uma imersão apaixonada nas diferentes possibilidades de co-existência entre os seres desse planeta. Autores como Thom van Dooren e Vinciane Despret têm explorado novas maneiras de pensar e falar sobre as relações multiespécies em um período marcado por extinções e eventos climáticos extremos. Precisaremos, juntos, inventar novos mundos futuros nos quais habitar. Para isso, aproprio-me das artes da atenção, termo

utilizado por van Dooren, Kirksey e Munster, que, juntamente com a antropóloga Anna Tsing em suas pesquisas com cogumelos, nos orienta a olhar para baixo e reconhecer os modos de vida dos seres que estão ali. Acredito que uma dessas artes é a literatura, e, neste caso, a ficção climática. Mais que um gênero literário, a ficção climática é um conjunto de temas e cenários, que abordam as mudanças climáticas antropogênicas, as suas consequências no planeta Terra e as formas como humanos e outros-que-humanos vivem e sobrevivem em um mundo perturbado. Da fusão dos estudos multiespécies e da ficção climática, apresento uma coleção de textos, fabulações conjuntas entre eu e os seres com os quais esbarrei. Essa pesquisa é o resultado de um esforço ético de prestar atenção aos não-amados, mais-que-humanos, companheiros de mundo, e tentar, por meio da literatura, dizer-com para viver-com eles.

Palavras-chave: estudos multiespécies; literatura; antropoceno.

ABSTRACT

Silk floss trees germinate in my dreams and spiders teach me how to crochet better. Amidst the climate crisis and anthropocentric exceptionalism, a Biology student attempts to leave their human bubble to learn to live with beings of other species, especially those with no apparent ethical appeal to humans: ugly, disgusting, scary, useless. These beings have been called “unloved”, and they are especially in danger in the climate crisis, because their loss, for the most part, does not cause emotional or cultural impact to human beings. In this context, multispecies studies emerge as an undisciplined field that dwells in the entanglements between human and “non-human” lives, through a passionate immersion in the different possibilities of co-existence between the beings of this planet. Authors such as Thom van Dooren and Vinciane Despret are exploring new ways of thinking and speaking about multispecies relations in a time marked by extinctions and extreme climate events. We will need to, together, invent new future worlds to inhabit. For this, I make use of the arts of attentiveness, a term used by van Dooren, Kirksey and Munster, that, along with anthropologist Anna Tsing in her

works with mushrooms, guides us to look down and recognize the ways of life of the beings that are there. I believe one of these arts is literature, and, in this case, climate fiction. More than a literary genre, climate fiction is a collection of themes and settings that address anthropogenic climate change, its consequences on Planet Earth and the ways with which humans and other-than-humans live and survive in a disturbed world. From the fusion of multispecies studies and climate fiction, I present a collection of texts, joint fabulations between me and the beings I encountered. This research is the result of an ethical effort to pay attention to the unloved, more-than-human, companions of world, and to try, through literature, to say-with in order to live-with them.

Keywords: multispecies studies; literature; anthropocene.

ÍNDICE FILOGENÉTICO

METAZOA

.....	Nematoda
.....	Ancilostomídeos
.....	Arthropoda
.....	Aranhas
.....	Formigas
.....	Mosquitos
.....	Piolhos-de-cobra
.....	Siris
.....	Cigarras
.....	Fasmídeo Insulindiano
.....	Cordados
.....	Peixe
.....	Mamíferos
.....	<i>Homo sapiens</i>
.....	Bugio-ruivo
.....	Rodentia
.....	???
.....	Anfíbios
.....	Paulo
.....	Márcia
.....	Répteis
.....	Cobras
.....	Aves
.....	Gralhas-azuis
.....	Urubus
.....	Bem-te-vi

PLANTAE

-Angiospermas
-Paineiras
-Ervas-daninhas
-Orquídea
-*Ipomoea pes-caprae*
-Gimnospermas
-Araucárias
-Pinheiros

FUNGHI

-Basidiomycota
-???

ARCHAEA

-???

BACTERIA

-???

???

-???

.....LUCA

-??

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração: Vacúolo.....	26
Figura 2 - Objetivos Específicos.....	31
Figura 3 - Arte rupestre: araucárias.....	43
Figura 4 - Raíz de orquídea.....	49
Figura 5 - Colagem: coleta.....	54
Figura 6 - O Chão Pintado de Branco (Paina).....	55
Figura 7 - Tufo.....	58
Figura 8 - Sementes.....	60
Figura 9 - Paineira: BU.....	62
Figura 10 - Paineira: Lagoa.....	65
Figura 11 - Paineira: Labirinto.....	67
Figuras 12, 13, 14 e 15 - Paineiras: Sacada.....	69
Figura 16 - Espinhos.....	71
Figura 17 - Fruto.....	73
Figura 18 - Propaganda Reino Funghi.....	81
Figura 19 - Sonhos enteados.....	90
Figura 20 - Jornal Multiespécies.....	99

SUMÁRIO

EMARANHADOS.....	17
EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS.....	21
ARTES DA ATENTIVIDADE.....	27
NOTA: EXCEPCIONALISMO METAZOOLÓGICO.....	34
A LEITURA.....	36
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA:.....	39
prestar atenção aos não-humanos no antropoceno.....	50
CARTA DE AMOR ÀS PAINEIRAS.....	54
leis do sepultamento.....	76
<title>Fórum Multiespécies</title>.....	78
Nota: novo fragmento protozoótico traduzido.....	82
LUCA: TRADUÇÃO.....	87
...PESADELLOS ARACNOCÓSMICOS.....	91
Como Amar Os Desamados: 10 Passos Simples Para Apreciar Seres Sem Apelo Ético Aos Humanos.....	101
OCUPAR AS RUÍNAS.....	106
REFERÊNCIAS.....	112

EMARANHADOS

Eu nunca pretendi estudar Biologia. Durante o Ensino Médio, mudei de ideia sobre qual curso fazer constantemente, e troquei de opção na inscrição do vestibular da UFSC várias vezes antes de, aleatoriamente, selecionar Ciências Biológicas. Essa decisão foi motivada principalmente pelos desastres ambientais que estavam acontecendo no Brasil naquele momento, principalmente as queimadas na Amazônia. Em minha mente adolescente, eu tinha um dever de lutar contra isso de alguma forma.

Tive apenas duas semanas de aulas presenciais antes da Pandemia, e passei os primeiros semestres do curso questionando se havia feito a escolha certa, considerando a possibilidade de ir para outros cursos e até mesmo outras instituições. Aos poucos, foram despertados em mim o amor e a curiosidade pela Biologia, mas vários aspectos ainda me incomodavam.

Tentei participar de diferentes laboratórios de pesquisa, principalmente na área da Ecologia, mas tive muita dificuldade de me integrar na estrutura rígida e hierárquica da pesquisa nas

“ciências duras”. Eu não sabia por onde começar, não conhecia os procedimentos e as melhores práticas, e não sentia confiança para buscar ajuda. Participei do PIBID, e essa experiência foi extremamente enriquecedora para minha formação, mas quando chegou o momento de iniciar um projeto de conclusão do curso, a pesquisa em ensino de Ciências também não me cativou.

No segundo semestre de 2023, cursei a disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia, na qual foram apresentadas diversas metodologias e áreas de pesquisa em Biologia alternativas, e na qual realizamos diversos exercícios de escrita que nos incentivaram a voltar nossa atenção a outros-que-humanos (como o “sonho de um não-humano”, que aparece também neste trabalho). Nesse espaço, muitas dúvidas e incômodos que tive ao longo da graduação finalmente encontraram um lugar para repousar: os estudos multiespécies (van Dooren, 2016).

A preocupação pelo meio ambiente e pelo planeta que me levou a escolher Biologia é a mesma que me levou a escrever meu Projeto de TCC. A ideia inicial dessa pesquisa era ficcionalizar a solidão dos seres vivos em meio à crise

climática e a todos os fins de mundos possíveis. Meu objetivo era explorar o sentimentos de solidão climática em seres “não-humanos”¹, mas quanto mais me aprofundei nestas paisagens multiespécies, menos fez sentido acreditar na possibilidade de se falar sobre “solidão” em um mundo simbiogênico, co-evoluído, emaranhado. A pesquisa metamorfoseou-se a cada frase: o texto final nunca era aquele que pretendia escrever.

Escrevo sobre aquilo que é importante para mim, e os encontros com outros-que-humanos e os mundos que podemos construir através deles são importantes. Essa pesquisa foi feita de encontros, aqueles aos quais corri atrás e aqueles nos quais tropecei. Decidi abrir os ouvidos e percebi que o mundo todo falava comigo: dos pequenos artrópodes aos grandes vegetais, haviam vidas diferentes da minha, distintos mundos experienciais complexos e interessantes que mereciam a minha atenção.

¹ Iniciei a escrita deste trabalho utilizando o termo “não-humanos”. Entretanto, inspirada por outros autores, que criticam esse termo por centralizar os seres humanos e referir-se aos outros com uma negação, decidi utilizar “outros-que-humanos”, que reconhece a alteridade destes seres e descentraliza a experiência humana como a referência de modo de vida no planeta.

A aparente ausência destes encontros atentos ao longo do curso de Ciências Biológicas tornou a vida muito pequena. Houve momentos ao longo da graduação em que presenciei pequenos gestos de biólogos em formação que tão casualmente jogaram fora a vida de outros-que-humanos, desde pequenos animais aquáticos, coletados sem autorização, que morreram no trajeto de ônibus de volta ao CCB, a insetos que foram surpreendidos por um Falcon² quando coletavam pólen, e cuja vida ou morte foi decidida por votação da turma.

² Tubo de ensaio plástico com tampa, utilizado em laboratórios para coleta de amostras e cultivo celular.

EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS

“I pace in circles
So the camera will see
Look hard at my stripes
There'll be no more after me”
(The Mountain Goats, Deuteronomy 2:10)

A preocupação com o meio ambiente e outros-que-humanos no Antropoceno inevitavelmente encontra o fato das extinções.

“*Endling*”, que pode ser traduzido como (finalizante, terminante, O Último), é um termo atribuído para um indivíduo que é o último membro vivo da sua espécie conhecido pelos humanos. Quando o *endling* morre, a espécie é considerada extinta. Ao longo dos últimos séculos a quantidade de espécies conhecidas que são extintas cresce exponencialmente, ao ponto de que o período atual tem sido referido como a “sexta grande extinção em massa”, devido aos efeitos das mudanças climáticas, desmatamento e poluição que são consequência direta da ação humana. A existência desses *endlings*, principalmente animais, torna-se um espetáculo: eles recebem

nomes humanos, vivem em cativeiro e são presenteados com uma Nota de Óbito pública e uma mudança de status da IUCN. Mas não existem nomes humanos o suficiente para a quantidade de *endlings* que morrem, e a maioria das suas espécies não possui nem mesmo um nome científico. Nos séculos XIX e XX, diversos *endlings* tornaram-se conhecidos por nome devido ao amplo noticiamento de sua extinção. Atualmente, com a normalização da perda da biodiversidade, os nossos modos de relacionarmo-nos com as histórias mudou, e é muito mais raro um *endling* receber esse tipo de atenção. A extinção perdeu o seu impacto.

E há outro aspecto dessa história: a maioria dos *endlings* que existem hoje não ficariam populares, porque eles são indesejáveis.

Esses são os não-amados: os seres vivos que não possuem apelo afetivo para os seres humanos. Seja por serem animais feios (insetos pernudos, moluscos gosmentos, anelídeos esquisitos, répteis venenosos...) ou por nem serem animais (plantas que tem espinhos e não se mexem, bactérias que causam doenças, fungos que parecem alienígenas...). Muitas vezes, quanto mais diferentes dos seres humanos,

menos amados. Quanto mais feios, menos amados. Quanto menos amados, menos importa a sua extinção. Afinal, por que deveríamos nos importar com a morte de um ser com o qual não temos nenhum tipo de relação, ou ainda, seres que nos prejudicam?

Porque cada espécie que se extingue significa a perda de modos singulares de viver no planeta Terra:

Cada sensação de cada ser do mundo é um modo pelo qual o mundo vive e se sente, e pelo qual existe. E cada sensação de cada ser do mundo faz com que todos os seres do mundo se sintam e se pensem de forma diferente. Quando um ser deixa de existir, o mundo se estreita repentinamente e uma parte da realidade entra em colapso. Cada vez que uma existência desaparece, é um pedaço do universo de sensações que se esvai (Despret, 2017, p. 220, tradução própria).

Como humanos, precisamos assumir a responsabilidade pelo impacto da nossa espécie no planeta, e encontrar novos modos de nos relacionar com os outros seres que o habitam, especialmente aqueles mais rejeitados. Uma das formas encontradas para se relacionar com as mudanças climáticas e as histórias de extinção é por meio da ficção climática e das

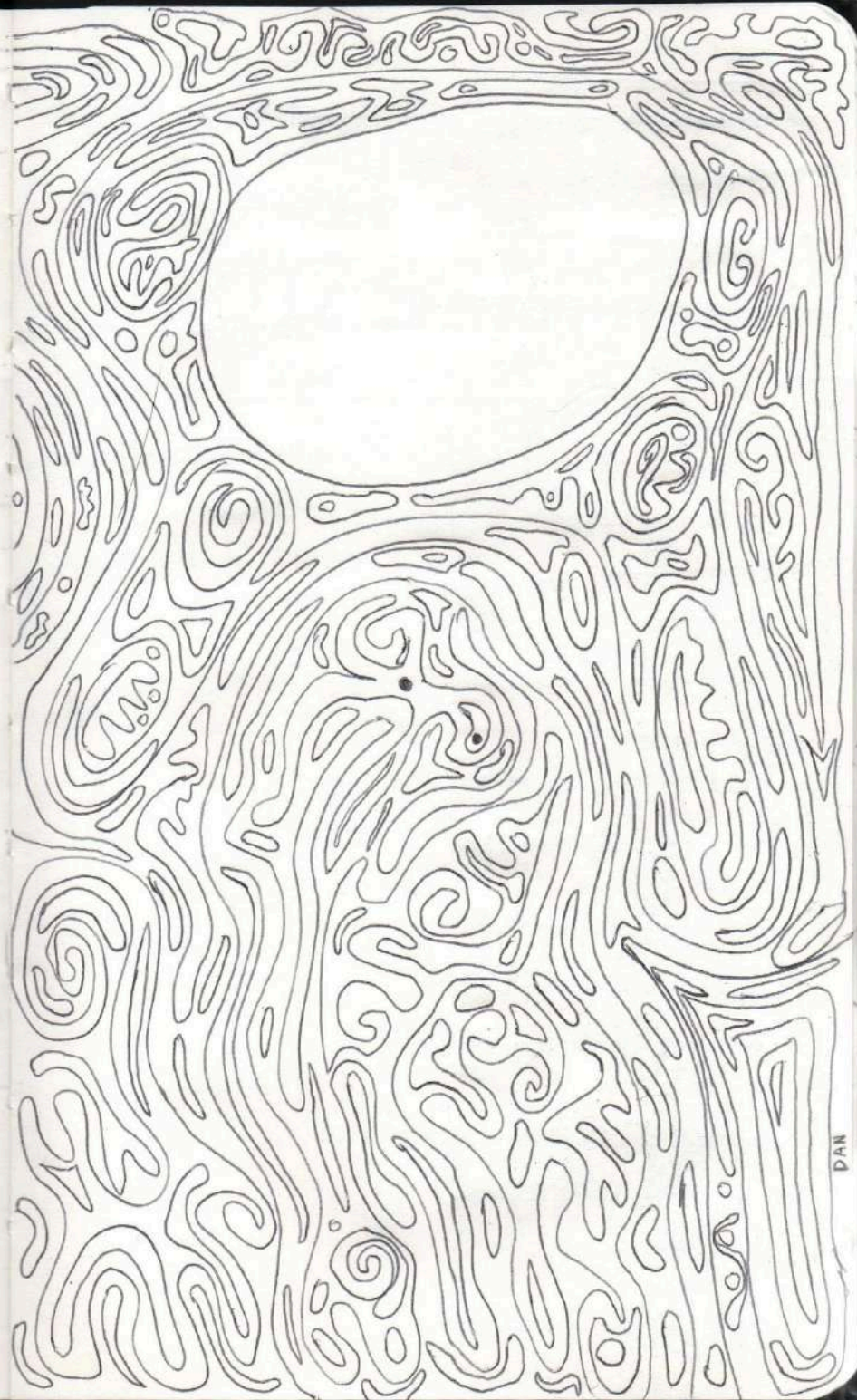
narrativas de antecipação: das histórias introspectivas de Charlotte McConaughy, que se passam em um futuro próximo devastado pelas mudanças climáticas; aos ensaios de Donna Haraway sobre espécies companheiras, que explicitam como as formas que nós, humanos, tratamos outros seres dizem sobre nós mesmos; aos contos científicos de Vinciane Despret, que se permitem divertir na tentativa de falar-com os outros.

A ficção climática é, mais que um gênero literário, um conjunto de temas e cenários presentes na literatura que abordam as mudanças climáticas antropogênicas, as suas consequências no planeta Terra e as formas como humanos e outros-que-humanos vivem e sobrevivem em um mundo perturbado. Tais histórias de ficção climática tiveram grande impacto em mim, gerando uma sensibilidade às temáticas ambientais, climáticas e às extinções, antes mesmo de ingressar na Biologia e de conhecer os estudos multiespécies, o que demonstra o poder da ficção de gerar afeto e atenção para a crise climática e seu impacto em outros-que-humanos.

Da mesma maneira, os estudiosos multiespécies, dos estudos das extinções e, inclusive, do estudo sobre ensino de Biologia, identificam na literatura, na ficção e, sobretudo, na

contação de histórias, uma forma de prestar atenção à estes seres menosprezados e de refletir sobre os mundos que podem ser construídos daqui para frente. Estes autores ressaltam que prestar atenção às histórias outras-que-humanas pode ajudar a pensar futuros possíveis nas paisagens perturbadas que habitamos:

Nesse sentido, talvez, o ensino de biologia possa se envolver com a literatura de ficção, em amplo sentido, já que, insiste Le Guin (2021, p. 21), “[...] toda ficção séria [...] é uma maneira de tentar descrever [...] como as pessoas se relacionam com tudo mais neste vasto saco, nesta barriga do universo, neste ventre das coisas por virem a ser e nesta tumba de coisas que foram, nesta estória sem final”, o que inclui se conectar e viver com o estranhamento incomum das relações íntimas entre o que Haraway (2021) chamou de espécies companheiras que, bem notou, não há razões para serem reduzidas aos animais domésticos (Ranniery, 2023, p. 7).



DAN

ARTES DA ATENTIVIDADE

Ao escrever este texto, eu quis evitar o caráter fechado do discurso acadêmico, embora empregando ainda algumas de suas ferramentas críticas para entender o que fora excluído dele. O discurso acadêmico e sua gramática não só parecem uma floresta que não nos permite ver as árvores individuais mas vai além, obrigando o pesquisador a cortar as árvores para entender a floresta (Preciado, 2022, p. 12).

Em um panorama ético no qual o valor da vida de um ser é equivalente ao seu apelo estético para os seres humanos, a metáfora de Orwell torna-se literal: “todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros”. (Orwell, 1945).

Essa pesquisa é um esforço ético para amar os não-amados, os seres tentaculares (Haraway, 2016) que causam medo e espalham doenças, vivem no escuro e em lugares sujos, possuem pernas demais e defendem-se frente aos humanos.

Esse trabalho é uma coleção de fragmentos de escrita contaminados pelos estudos multiespécies, que flutuam em algum lugar entre fabulações especulativas e fábulas científicas. Ao escrever esses textos e uni-los nesse trabalho,

busquei tornar a sua leitura uma caminhada realista: haverão rochedos a escalar, riachos para se refrescar, caminhos macios de grama e as risadas com seus amigos no meio do caminho.

A comunicação com outros seres, mais-que-humanos, possui inevitavelmente uma dimensão inalcançável, devido à nossa inabilidade de nos comunicar completamente. Assim, escrever sobre estes seres e os mundos que eles constroem é uma conversa especulativa: se mesmo falando a mesma língua, nós, humanos, não nos entendemos às vezes, a falta de uma língua compartilhada implica necessariamente em uma dimensão de especulação. Mas a especulação não significa inventar sem motivos, e sim realizar um esforço de conexão e empatia com outros seres: tentar olhar o mundo a partir do lugar de outro.

A anedota pode ser um recurso notável, permitindo-nos mover para fora de um espaço estreito de “comportamentos típicos de espécie” para reconhecer a diversidade individual ou social e a capacidade criativa dentro de outros modos de vida (Van Dooren, 2016).

Essa pesquisa foi guiada pelo encontro com coincidências: quanto mais escrevia sobre paineiras, mais via

elas em todos os lugares; conversas pessoais tocavam em tópicos principais da pesquisa; algo que vi na rua me deu uma ideia para um texto que estava escrevendo... Mas estas não são meras coincidências, são um estado de atenção: atenção para o mundo ao meu redor, os seres que o co-habitam e os mundos que eles constroem para si. Para escrever com outros, qualquer outro além do eu, é preciso olhar ativamente ao redor e aprender a enxergar toda a vida que existe ali. Eu só consigo entender o mundo a partir do lugar onde eu estou; para entender o mundo de outras formas, é preciso pisar em outro lugar e fazer perguntas diferentes. Para ver de forma diferente, é preciso cair no ponto cego.

Os textos a seguir são, inspirados em Haraway (2021), *camas-de-gato*: uma conversa e um encontro emaranhado entre eu, os autores que li e os outros-que-humanos com os quais esbarrei. O objetivo desse trabalho é brincar com a escrita científica, com a ficção, com os pontos de vista humanos e com os modos de vida outra-que-humana. Pretendendo mais perseguir a ficção do que responder a grandes perguntas, criei uma coleção de textos: mais que listas ou poemas, são exercícios de atenção, uma tentativa de me imergir nas

relações entre humanos e outros-que-humanos, por meio da ficcionalização. A prática da atentividade inclui também realizar o esforço ético de dizer com o outro, não pelo outro, e faço isso através da ficção.

Escrevo os seguintes objetivos após os textos que seguem, inspirada pela pesquisa cartográfica: escrevi, e os textos que resultaram me mostraram o que eu estava tentando fazer.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS



uma nova espécie
de aranha



incomodar



comer
de outros
animais
perigosos!
horrível!



comer
os frutos
das
árvores
deixados



para
nos
nutrir



entrar
pelas
frestas

A metodologia deste trabalho é cartográfica e, espero, simpoiética:

Se formos entender a cartografia enquanto metodologia, precisamos pensar nas perguntas que ela pode nos ajudar a oferecer. Ao invés de perguntar pela essência das coisas, o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo? Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa (Costa, 2014, p. 70).

Segundo Costa (2014), a cartografia é uma ética de pesquisa na qual o pesquisador permite afetar e ser afetado pelo seu objeto de pesquisa, agindo não como um mero observador, mas como um sujeito ativo, que precisa movimentar-se em e alterar o meio em que pesquisa. A pesquisa cartográfica não é neutra. Assim, o autor aponta que a pesquisa cartográfica não busca os resultados e conclusões, e sim o processo e o movimento. O pesquisador cartográfico não limita-se à objetivos predefinidos e à resultados que se encaixem nos seus pressupostos, mas está aberto aos caminhos e encontros que a

pesquisa proporcionará. O processo de pesquisa mostrará o que é relevante pesquisar, e “a condição para selecionar o que fará parte de sua pesquisa é a força do encontro gerado” (Costa, 2014). Tal ética de pesquisa condiz com os campos de estudos deste trabalho:

Ao invés de fingir estar distante e afastado dos seus temas de estudo, muitos pesquisadores dos estudos multiespécies estão aceitando a sugestão dos artistas de abraçar mais plenamente o trabalho de observação como parte de uma performance contínua no mundo (van Dooren, 2016).

Na cartografia, os trajetos e quadrantes não são definidos previamente. Busquei seguir os conselhos e sabedorias da pesquisa cartográfica e dos estudos multiespécies e permitir que a pesquisa fale por si: não incluir na pesquisa só o que achamos que devemos incluir, e permitir-se seguir as tangentes que se revelarem nas bordas desse planejamento. Assim, as fabulações especulativas ou fábulas científicas me parecem o encontro perfeito da cartografia com os estudos multiespécies.

NOTA: EXCEPCIONALISMO METAZOOLÓGICO

Quem vos fala é um *Homo sapiens*. Sem pelos, esperto, observador-de-estrelas *Homo sapiens*, humano. Meu CPF consiste de números, minha taxonomia de nomes inventados por europeus. Minha vida consiste de telas e de dividir esse planeta com muito, muito mais gente. Ser um *H. sapiens* acompanha a culpa pelo conhecimento dos danos que a minha espécie causou nas outras, mas pelo menos eu sei que muitas pessoas tratam bem outros seres, certo? Cachorros, gatos, lontras, capivaras, saguis, cavalos... espera aí! Há algo de estranho nesse conjunto... De todas as espécies que vivem na Terra, apenas uma porcentagem minúscula compõem os mamíferos. Por que, então, são eles que recebem todo o nosso amor?

Uma explicação razoável é a proximidade filogenética entre nós e aqueles que são considerados dignos do nosso afeto. Afinal, existem muitas mais similaridades entre um gato e um humano do que entre um humano e uma barata. Apesar disso, assim como eu, a barata tem pernas, olhos, cérebro e coração, apesar de não ter o nosso amor. Portanto, pode-se

admitir como é mais difícil ainda amar um ser tão filogeneticamente distante que é mais difícil encontrar similaridades do que diferenças entre nossas vidas.

O quão parecido eu sou com uma aranha, uma esponja do mar, um fungo endomicorrízico, um protozoário endoparasita ou uma araucária? Com certeza, muito mais do que eu imagino, mas sem saber disso, como eu posso verdadeiramente amar estes seres sem apelo ético? Ainda mais, como posso acreditar que a vida de seres de outros reinos são tão valiosas quanto a minha? No mínimo, como posso enxergar e respeitar seus modos de vida, dividir esse mundo com eles sem ódio ou repulsão?

Meu objetivo com essa pesquisa é explorar formas literárias de enxergar com atenção os outros-que-humanos. Infelizmente, possuo um viés inevitável de me atentar principalmente para os meus companheiros metazoários. Explicito aqui esse viés assim como o objetivo de lutar contra ele: quero colocar meus óculos de biólogo e remediar um pouco minha impercepção botânica e a invisibilidade dos microrganismos ao longo dessa pesquisa.

A LEITURA

Você pode ler os textos a seguir antes ou depois de ler essa contextualização. Cada alternativa resultará em diferentes experiências de leitura: o contexto pode tornar a experiência mais proveitosa, mas o desconhecido pode possibilitar mais interpretações. A escolha é sua. Não explicarei todos os textos, apenas aqueles que podem se beneficiar de uma contextualização.

Os textos sobre a associação de *therolinguística* (Proposta de projeto de Pesquisa e Manifesto parasita) são endossimbioses de textos de Despret (2022) e Le Guin (1982), apropriando-se da instituição fictícia narrada por essas autoras.

“Leis do sepultamento” é uma letra de música (*midwest emo*, em minha opinião). Eu sou péssima em música, mas você está convidado a inventar sua própria melodia para essa letra.

O poema LUCA e sua tradução foram escritos no segundo semestre de 2023 como uma atividade para a disciplina de Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia, ministrada pelo professor Victor Anselmo Costa, orientador deste trabalho. Nessa atividade, fomos desafiados a buscar um

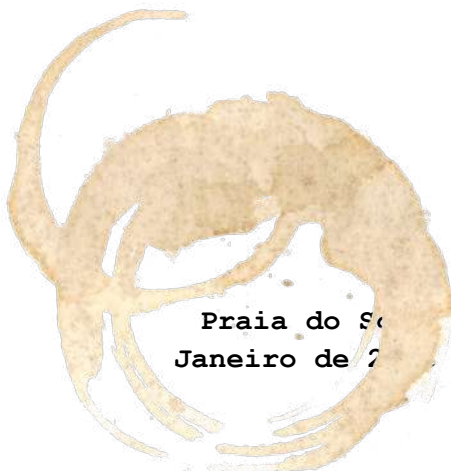
lugar silencioso e escuro, e na proximidade com o sono, escrever um sonho compartilhado entre nós mesmos e um outro ser, outro-que-humano. O outro-que-humano que escolhi foi “LUCA”, o último ancestral comum universal, organismo unicelular hipotético que teria dado origem aos três diferentes domínios da vida (Bacteria, Archaea e Eukarya).

O texto “Pesadelos aracnocósmicos” é uma representação literária do meu relacionamento com as aranhas, animais dos quais tenho fobia, e a minha tentativa de me conectar com esses seres. Assim como as aranhas, que tecem suas teias, faço crochê e tenho fascinação pelas artes têxteis. As aranhas são seres feios, tentaculares, que vivem no escuro: não amados. Até que ponto minha fobia é algo natural ao invés de algo construído em um contexto no qual elas são consideradas asquerosas? Como construir uma relação de respeito com esses animais apesar do medo? Ao invés de respostas, tenho essa história.

Associação Internacional de Terrolinguística
Departamento de Linguística Vegetal

Olívia Castro
Bacharel em Linguística e Comunicação Vegetal

PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA:
ATENTIVIDADE À COMUNICAÇÃO REPRODUTIVA
MULTIESPÉCIES ENTRE ARAUCÁRIA (*Araucaria
angustifolia*) E GRALHA-AZUL (*Cyanocorax
caeruleus*)



Praia do S
Janeiro de 2

1. Justificativa/Caracterização do Problema

Araucaria angustifolia é uma gimnosperma nativa do Sul da América Latina, abrangendo desde Misiones até Meiembipe. As araucárias possuem grande significância turística, cultural e alimentícia para os povos dessas regiões. Além de atuar como estrutura reprodutora e fornecer alimento para outros seres, as pinhas das araucárias são utilizadas por essas árvores para comunicar-se com as espécies de pássaros com as quais coabitam e com as quais compartilham uma relação ecológica de dispersão. A descoberta dessa forma de comunicação reprodutiva multiespécies teve grande relevância para a Linguística Vegetal no início do século passado, tendo contribuído significativamente para as discussões sobre a contradição entre a necessidade de reprodução da espécie e necessidade de expressão do indivíduo, muito fervorosa na época.

Reconhecer que o mundo é um espaço de imersão significa, ao contrário, reconhecer que não existem fronteiras estáveis ou reais: o mundo é o espaço que nunca se deixa reduzir a uma casa, ao próprio, ao lar, ao imediato. Estar-no-mundo significa, pois, exercer

influências sobretudo fora do lar, fora de seu próprio habitat, fora de seu próprio nicho. Sempre se habita a totalidade do mundo, que é e sempre será infestada pelos outros (Coccia, 2020, p.46-47)

Como tornou-se o pensamento vigente nas últimas décadas, a indissociabilidade da reprodução e da escrita como forma de propagação de uma espécie possibilitou o surgimento de novas abordagens no estudo da linguística vegetal. Entretanto, historicamente, os therolinguístas tiveram grande dificuldade em interpretar e traduzir as comunicações das araucárias. Foi apenas a partir da década de '90, com as pesquisas revolucionárias de Ananias (que demonstraram que a grande dificuldade dos humanos de interpretar as comunicações das araucárias se deve à incompatibilidade biológica entre nós e os gestos necessários para entendê-las), que os estudos de linguística vegetal passaram a reconhecer a validade da comunicação multiespécies entre outros-que-humanos.

É preciso que nós, humanos therolinguístas, retiremo-nos desse diálogo: nós não somos seus interlocutores. A araucária e a gralha-azul falam uma com a outra;

a sua conversa não é da nossa conta. (Ananias, '96, p. 24)

Apesar dessa publicação, a existência de alguns poucos fragmentos literários araucários traduzidos contribuiu para que alguns therolinguístas permanecessem no esforço de traduzir a literatura das araucárias. Não podemos culpar completamente estes cientistas de excepcionalismo humano: são bem documentadas as comunicações de outras gimnospermas especificamente direcionadas aos humanos³.

O folclore local há muito tempo atribui uma relação reprodutiva e alimentícia entre araucária e *Cyanocorax caeruleus*. Essa ave, popularmente conhecida como gralha-azul, alimenta-se dos pinhões, e por consequência acaba dispersando suas sementes. Assim, os biólogos tradicionais acreditavam que essa era uma relação de causalidade por coincidência, ou seja, que a dispersão dos pinhões pelas galhas-azuis era acidental, e que estas aves apenas pretendiam se alimentar. A ideia de que as galhas-azuis propositalmente dispersavam essas sementes era absurda na época, pois infere que animais

³ Um caso muito conhecido é o Solilóquio dos Pinus, encontrado no norte de Meimbipe, disponível na Biblioteca Setorial do Departamento de Linguística Vegetal.

outros-que-humanos possuem vontade própria ou livre arbítrio. Foram necessárias grandes mudanças de paradigma na Ciência e na Filosofia para que se tornasse amplamente aceito o fato de que outros-que-humanos também *querem*.

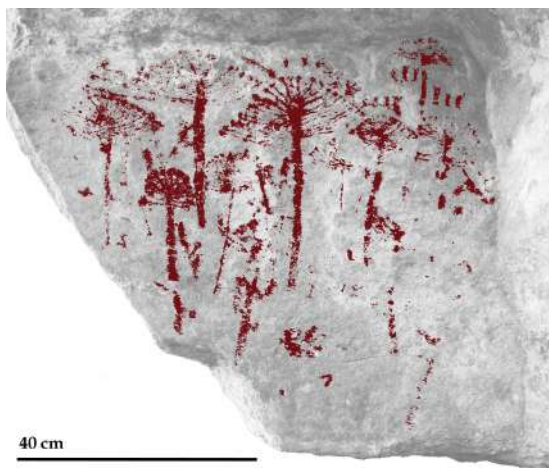


Figura 1 - Arte rupestre representando araucárias
Fonte: Grupo Universitário de Pesquisas Espeleológicas/UEPG

Entretanto, fora da academia, os povos Kaingang, que habitaram e habitam uma parte significativa da área de abrangência de *Araucaria angustifolia*, já reconheciam a relação entre as araucárias e as galhas-azuis muito tempo antes do surgimento da terolinguística. Narrativas orais antigas deste povo envolvem humanos, araucárias e galhas-azuis em relações multiespécies

afetivas e reprodutivas (Salvador, 2022). Além disso, pesquisas do século XX e XXI já demonstravam a relação histórica entre os povos indígenas do Sul e a mudança da área de ocorrência das araucárias, ressaltando a importância das relações multiespécies na reprodução desta espécie.

Cada vivente tem então um motivo para escrever um relato, deixar sua marca criadora, seja ela sob uma forma arquitetural, sobre o próprio corpo, ou ainda sobre o de outros seres, sejam eles os de sua descendência, de seus congêneres ou até sobre os de outra espécie. (Despret, 2022, p. 55-56)

Em suma, a comunicação reprodutiva entre araucárias e galhas-azuis ainda é pouco explorada pelo ramo da terolinguística. Dessa forma, esta pesquisa irá aprofundar-se nos gestos exercidos pelas araucárias e galhas-azuis em sua comunicação reprodutiva multiespécies.

2. Objetivos

- Aprofundar a compreensão humana sobre as formas de comunicação reprodutiva multiespécies entre *Araucaria angustifolia* e *Cyanocorax caeruleus*;

- Investigar os efeitos da sazonalidade da reprodução de *A. angustifolia* em sua comunicação com *C. caeruleus*;
- Documentar os gestos realizados por *C. caeruleus* em sua interação com as pinhas;
- Praticar a coabitação atenciosa e respeitosa entre *Homo sapiens* e as demais espécies nativas do Sul;
- Fortalecer a relevância da comunicação multiespécies entre outros-que-humanos.

3. Metodologia⁴

Serão utilizadas as metodologias da Arte da Atentividade (Tsing, 2019) e da Arte da Planta (Le Guin, 1982), dentro do contexto da biogeografia de ilhas (Schwarz, '02). Além disso, conforme os costumes atuais da Therolinguística, a autora será cautelosa e medirá sua interferência na comunicação estudada:

“Nossas pesquisas não fazem nada além de acrescentar ruído ao ruído [...] Muitos dentre nós desejam ‘testar as reações’, outros tentam

⁴ A autora não elabora a descrição dos procedimentos metodológicos, assumindo que os leitores do projeto estariam familiarizados com as metodologias citadas, que eram e ainda são extremamente comuns dentro da Linguística Vegetal.

estabelecer diálogos, mas devemos supor que tudo que fizemos até agora foi interferir [...] Não se trata de contestar a interferência - afinal, o que é a comunicação entre espécies senão interferência? mas temos de fazê-lo sabendo que desse modo estamos rompendo o pacto de silêncio das aranhas. Certamente, deveríamos imaginar como aprender a fazê-lo com a educação e todas as precauções da cortesia daqueles que desejam entrar na residência do outro” (Despret, 2022, p. 33)

4. Resultados esperados

Como provou-se ao longo das últimas décadas de pesquisas em therolinguística, não podemos assumir que qualquer comunicação outra-que-humana queira dizer mais do que “eu estou aqui” sem correr o risco de atribuir significados humanos errôneos ao objeto de pesquisa. Dessa forma, os resultados esperados desta pesquisa são simplesmente a prática da atentividade para novas interpretações das comunicações entre as araucárias e gralhas-azuis.

5. Cronograma preliminar das atividades de pesquisa⁵

Verão	Outono	Inverno	Primavera
Revisão bibliográfica Aprovação pelo Conselho de Ética	Observação e coleta de dados	Observação e coleta de dados	Análise de dados Interpretação das comunicações

6. Referências Bibliográficas

ANANIAS, L. **Novas interpretações sobre a literatura das Araucárias.** Revista Internacional de Therolinguística, '96, 32p.*

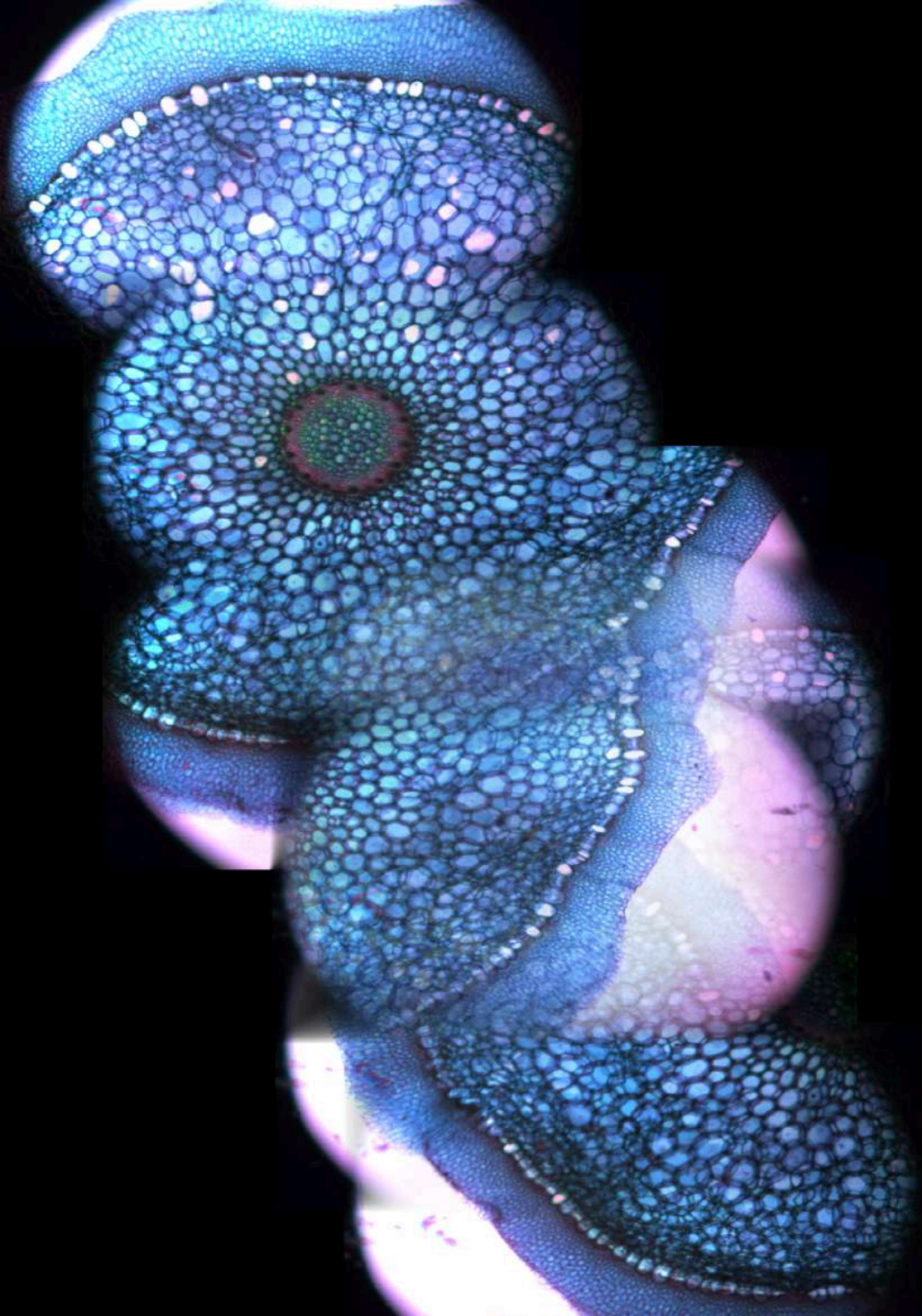
DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

⁵ Como este é o único registro deste projeto de pesquisa e não foram encontradas publicações subsequentes da autora sobre este tema, acredita-se que o projeto tenha sido negado devido ao corte de verbas que ocorrem no Departamento de Linguística Vegetal durante as décadas turbulentas da primeira metade do século passado, as quais também se atribuem a perda de numerosas pesquisas, o que afetou profundamente o avanço dessa área da therolinguística nos anos subsequentes.

LE GUIN, Ursula K. **The Author of the Acacia Seeds and Other Extracts from the Journal of the Association of Therolinguistics.** In: LE GUIN, Ursula K. *The Compass Rose.* New York: Harper & Row, 1982. p. 186-192.

SCHWARZ, P. ***Biolinguística de Ilhas.*** Editora UFSC, '02, 210p.*

SALVADOR, Mauricio Vên Tân. **FÁG KAR SÉGSÓ TÂN: GUFÓ U SÍ AG TÚ / A araucária e a gralha azul: uma história dos antigos Kaingang.** Porto Alegre, Editora da FMP: Libretos, 2022.



PRESTAR ATENÇÃO AOS NÃO-HUMANOS NO ANTROPOCENO

é como andar na praia à noite e mal ouvir o barulho estrondoso do mar pois você está muito ocupado tentando não pisar nos siris.

é como a sombra conveniente dos pinheiros que agora existe na restinga.

é como a Kombi que pega fogo no meio da estrada e mesmo assim chega a seu destino.

é como olhar pro sol de olhos fechados e quando você os abre tudo é azul.

é como o calor de fevereiro do sol da tarde entrando no quarto de madeira.

é como não se lembrar o que foi real e o que foi ficção e o que foi sonho.

é como o bem-te-vi que parece marrom de costas até que ele voa e você vê sua barriga amarela.

é como o vento constante indomável frio refrescante
inconveniente barulhento reconfortante companheiro na praia
do sol.

é como o silêncio inesperado insuportável quando as cigarras
abruptamente param de cantar.

é como amar mais a Biologia nas férias de verão.

é como a *Ipomoea pes-caprae* salpicando a restinga, que chama
toda a minha atenção pois é o único nome científico aqui que
eu sei.

é como não ouvir algumas de suas músicas preferidas há anos
(cada vida passada tem sua trilha sonora).

é como as formigas escalando as minhas pernas mas elas não
vão achar nada aqui.

é como a dificuldade de escrever sobre o que quero pois parece
que tudo que importa sobre o amor e sobre as plantas já foi
dito.

é a plenitude dessa solidão.

(mas na verdade eu não estou nem um pouco sozinha)



CARTA DE AMOR ÀS PAINEIRAS

O *Ceiba speciosa*
floresces em brancos, rosas e
amarelos
acolhe os terranos
com nuvens de algodão
e sonhos sementes
(Pereira, 2020, p. 75).

Amadas paineiras,

Minha impercepção botânica é crônica e genealógica. Quando criança eu não sabia o nome das plantas e o gosto das frutas; não sabia o que nasceu aqui e o que veio de longe. Então, quando duas primaveras atrás eu vi pela primeira vez o chão pintado de branco por “algodão”, não fazia ideia do que era uma paineira. A curiosidade pela natureza e o amor às artes têxteis me levou a coletar esses tufos: catava-os do chão para aproveitar a fibra, e para isso tirava aquela coisinha do meio dele e a jogava de volta no chão. Foi quando me deparei com tanta paina que percebi que a semente ali dentro era tão linda quanto as fibras ao redor.



Há mais de dois anos que vi paina pela primeira vez. A grama nos arredores do CCB estava repleta desse “algodão”, e eu instintivamente comecei a coletar esses tufos, traçando um caminho serpenteante guiada pela presença dos pedaços maiores. As sementes voltaram ao chão: eram apenas um obstáculo entre eu e as fibras. Olhei ao redor para o alto, tentando encontrar a fonte desse presente, mas não tive sucesso. Removi os pequenos galhos e folhas e levei a paina para casa. Tinha ambições de lavá-la, tingi-la, fiar-la. Não pesquisei o que fazer, e a improvisação não deu certo. Até hoje não aprendi a fiar, e a mesma paina que coletei nesse dia descansa em uma caixinha de papelão nas profundezas do meu armário. Sendo o estudante de Biologia que menos entendia de Botânica no mundo, pesquisei no Google o que poderia ser aquilo, e foi aí que as Paineiras se apresentaram para mim pela primeira vez.

Alguns dias depois, saindo da escola na qual atuava no PIBID, que fica a poucos minutos de distância do CCB, tropecei novamente nesses tufos. Por algum motivo, desta vez removi as sementes de dentro da paina mas guardei-as no bolso. Eu ainda não sabia, mas Le Guin nunca fez mais sentido para mim do que naquele momento: ali dentro eu estava carregando essa história.

Se for algo humano colocar o que você quer, porque é útil, comestível ou bonito, em uma bolsa, cesto, ou em um pedaço de casca ou folha, ou numa rede tecida com seu próprio cabelo, ou no que você tiver e então levar para casa com você, a casa sendo um tipo maior de bolsa, uma caixa para pessoas, e depois pegar aquilo que guardou e comer, ou compartilhar, ou guardar um pouco para quando chegar o inverno, ou guardar em um pote medicinal, em um santuário ou em um museu, no

lugar sagrado, onde se guarda o que é sagrado e, no dia seguinte, provavelmente, fazer a mesma coisa de novo — se fazer isso é humano, se for isso o que é preciso, então eu sou humana, afinal. Totalmente, livremente, com alegria, pela primeira vez (Le Guin, 1989, p. 165, tradução própria).



Eu odiava Botânica. Uma experiência terrível com um professor reprimiu toda a minha curiosidade pelas plantas, e a falta de conhecimento sobre a taxonomia e identificação de plantas ainda é uma lacuna muito dolorosa. Nunca fui boa em jardinagem: todas minhas suculentas morreram. Assim, ainda é um mistério para mim por que enchi uma caixa de ovo com terra e enfiei as sementes de paineira ali.

Paineiras, talvez esse foi o primeiro momento que vocês tocaram em mim. Essa série de coincidências culminaram em uma realização cósmica-epistemológica-ontológica-espiritual: a potência das sementes, a vida das plantas, tão grande e bela quanto a minha.

Cansadas de serem impercebidas, invadiram meus sonhos.



Em fevereiro sonhei que ouvia uma professora de Botânica fictícia falar com um aluno que carregava mudas, chamando-as de paineiras e dizendo que elas poderiam ser descartadas. Decidi correr atrás dele para perguntar se eu poderia ficar com algumas, quando percebi que as plantas que ele carregava não eram as que tenho na varanda. Perguntei-lhe se aquelas eram paineiras, e ele confirmou. Fiquei chocada e envergonhada, sem acreditar que criei uma relação tão forte com uma planta, mas identifiquei a sua espécie errado. Acordar e perceber que isso não era real foi um alívio, porém me pergunto se isso faria diferença. Paineiras, lhes amei por muito tempo antes de descobrir o seu nome científico. Não sei se *Ceiba speciosa* lhes faz jus, mas talvez esse nome não tenha importância. Vocês já tem as flores e a paina e os espinhos; não precisam de mais nada.



Paineiras, procuro por vocês em todo canto. Toda folha palmada captura meu olhar, mas a vista nunca é tão linda quanto quando acompanha os seus espinhos. Mesmo assim, ainda não sou boa em identificá-las fora do início da primavera e do final do verão.

Não lembro quando foi a primeira vez que ouvi o termo “impercepção botânica”, mas sei que não o entendi realmente até criar o hábito de encarar toda árvore pela qual passava a busca de paineiras. As plantas são ignoráveis porque elas estão em todo lugar: se você tem sorte, é impossível andar na rua sem ver dezenas de plantas, desde “ervas-daninhas” e flores ornamentais a árvores e epífitas. Mas como o homem que mora ao lado da cachoeira, nós, moradores deste planeta verde, paramos de prestar atenção na sua presença. Pesquisadores criaram o termo “cegueira botânica” e propuseram uma explicação neural, mas a impercepção botânica me parece mais apta para descrever o que acontece: não é que não vemos, é que fingimos não ver. A impercepção botânica parece ser uma proteção psicológica contra o horror cósmico de perceber que você nunca está sozinho, que há sempre algo vivo muito perto de você, em todo lugar e a qualquer hora, algo cuja vida é tão diferente da sua que você nunca irá realmente entendê-la mas a quem você deve aquilo que te mantém vivo.

Entretanto, a noção de que estar rodeado de outras vidas é assustador é uma ideia extremamente antropocentrista. Por que deveríamos ter medo de estarmos acompanhados a cada passo? Desde que comecei a realmente ver as plantas eu me sinto acolhida, abraçada, acompanhada, mesmo andando sozinha até o mercado, quando passo pelo cemitério e vejo a amoreira, o ipê-amarelo com as últimas vagens penduradas, o chapéu de sol...

Em tempos marcados pelas catástrofes, pelo Antropoceno, pela intrusão de Gaia, ter as árvores como companhias do criar e pensar se mostra um movimento político vital. Árvores nos ensinam que é preciso honrar os encontros com toda e qualquer matéria, seja ela advinda do Sol, do ar, da terra ou das atividades humanas e das ruínas do capitalismo (Pereira *et al.*, 2020, p. 102).

Na noite daquele dia, após um pesadelo, sonhei que esse cemitério tinha várias paineiras de todos os tamanhos, e fiquei triste ao acordar e saber que não era real.



Paineiras, às vezes parece que vocês me são sinais; não sei se do universo ou da minha própria atenção. Encontro vocês pelo caminho e sei que estou no lugar certo. Me mudo para um apartamento novo e só depois percebo a paineira enorme perfeitamente visível pela minha janela. Não posso assumir que vocês estão tentando me dizer algo (Sales, 2023), mas meu deus, Paineiras, nesse caso realmente parece que estão.



Eu não nasci para a jardinagem. Nunca consegui manter nenhuma planta viva: todos meus manjericões, cactos e pimentas pereceram depois de algumas semanas. Mas tenho 3 paineirinhas em minha sacada que já tem quase dois anos de idade!

Elas brotaram do primeiríssimo punhado de sementes que catei, antes mesmo de saber o que era uma paineira, e de alguma forma ainda estão vivas. Entre deixá-las o verão todo na casa de um amigo (que, assim como eu, é melhor como amigo do que como jardineiro, e deixou a maioria das minhas plantas morrerem de sede) e passar semanas sem lembrar de regá-las, elas ainda estão aqui, com quase um metro de altura e mais espinhosas do que nunca.

Levei um susto recentemente ao ver uma delas quase sem folhas, até que percebi que a imponente paineira do lado de fora da janela também estava careca: o inverno sempre chega para as caducifólias. Mas o susto nem se compara à sensação de ver dezenas de folhas renascendo à medida que a primavera se aproxima.

Às vezes sinto que tenho uma relação parassocial com minhas paineiras, da mesma forma que teria com uma celebridade: elas não estão nem aí para mim, mas às vezes agradecem aos seus fãs (sobrevivem ao inverno), e isso só me faz amá-las ainda mais.

Acho que a realidade é que, no final das contas, essas paineiras são para mim como as minhas gatas: colegas de apartamento.



Emanuele Coccia, em *A Vida das Plantas*, reflete sobre como a vida de todos os seres estão conectadas, ou seja, dependem da existência uns dos outros para a sua própria, e como estes seres fotossintetizantes inventaram um novo mar oxigênico, permitindo a nossa vida atmosférica:

A existência do mundo não é um fato de ordem lógica: é uma questão pneumatológica. Só o sopro pode tocar e experimentar o mundo, dar existência a ele. O mundo só pode ser respirado (Coccia, 2020, p. 60).

Se o sopro é a vida do mundo, eu quero respirar como um pássaro.



Se você pegar um Volta ao Morro Sul, um TIRIO - UFSC, um TITRI-Pantanal via Carvoeira, ou qualquer outro ônibus que faça a volta no Câmpus Trindade, sente na fileira de bancos mais perto da universidade e olhe para a janela. Dependendo da época do ano, você poderá ver: árvores altas, cujo caule possui espinhos e as folhas pontudas tem formato de mãos (verão); árvores altas, cujo caule possui espinhos, as folhas pontudas tem formato de mãos e estão repletas de flores cor-de-rosa (outono); árvores altas, cujo caule possui espinhos, a maioria das folhas caíram e frutos verde e alongados pendem aos montes (inverno); ou árvores altas, cujo caule possui espinhos, as folhas pontudas tem formato de mãos e tufos brancos caem de onde antes houveram folhas e frutos, escondendo sementes redondas e marrons para serem carregadas pelo vento. Elas encontram-se em abundância, principalmente atrás do RU, atrás do CFM e atrás do CCJ.

Ah, e nem se fale em pegar qualquer ônibus que passe pela Avenida Professor Henrique da Silva Fontes, na Trindade. Há tantas paineiras beirando a estrada que alguém até poderia me acusar de ter feito o paisagismo desta avenida.



Não sei o que me levou a aconchegar aquelas sementes na terra. Elas germinaram, cresceram, tornaram-se altas, cresceram espinhos, e me ensinaram finalmente como é a sensação de amar um não-humano, não-animal. Elas não me fazem carinho, não me amam de volta, não posso acariciá-las devido aos seus espinhos, ainda não me provém fibras, e tenho um medo constante de meus vizinhos acharem que estou plantando outra coisa. Mesmo assim, elas me ensinaram a amar, me ensinaram a potência de uma semente, e me ensinaram que as plantas são vivas, extremamente vivas.

Paineiras, obrigada por me ensinar a germinar. Espero plantá-las no chão um dia e envelhecer com vocês.

Com amor,
Dan

LEIS DO SEPULTAMENTO

retrato de vida sofrido
retrato de morte distorcido
dentro de uma rocha encontro meu fim
em outra era quem se lembrará de mim?

enterrado vivo para a eternidade
não há leis neste sepultamento
a vida não tem necessidade e a Morte não tem discernimento

desde pequeno me disseram
que eu era só tecido mole
mas agora
a história da minha existência será a autobiografia dos ossos
a autobiografia dos ossos


```
<!DOCTYPE html>
```

```
<html>
```

```
  <head>
```

```
    <TITLE>FÓRUM MULTIESPÉCIES</TITLE>
```

```
  </head>
```

```
  <body>
```

```
    <h1>Despedida</h1>
```

```
    <p>Meu nome é Paulo, eu sou um anfíbio endêmico das matas amazônicas, e eu sou um <i>endling</i>.</p>
```

```
    <p>Bom, eu sou um de dois <i>endlings</i>: eu e minha amiga Márcia, os dois últimos da nossa espécie. Você deve estar pensando: que sorte, tem dois de vocês, vocês podem se reproduzir e salvar a espécie! Em teoria, sim, nós poderíamos! Mas... nós não vamos. Eu e a Márcia decidimos deixar a espécie acabar.</p>
```

```
    <p>Eu devo parecer o tetrápode mais egoísta do mundo, mas não é tão estranho assim: primeiro que a Márcia não tem nenhum interesse em mim, nem eu nela. O meu canto e a dança dela nunca bateram e já aceitamos isso há anos. Segundo, mesmo se houvesse uma atração entre nós, nem eu nem a Márcia queremos ter filhos.</p>
```

“Que é isso, Paulo? Tu realmente vai deixar a espécie se extinguir porque tu não quer ter filhos?”

Sim, isso mesmo. No final das contas, nem é uma decisão tão drástica assim. Eu duvido que nós dois sozinhos conseguiríamos realmente salvar e reestabelecer a espécie, e mesmo se conseguíssemos, é meio problemática essa supervalorização da forma adulta reprodutiva, sabe? Nós só teríamos filhos para eles se reproduzirem e terem filhos e assim em diante... Não parece uma vida muito divertida, e eu não quero passar o peso de ser um *endling* pros meus descendentes. Então, eu e Márcia decidimos ignorar essa ética do gene egoísta, ou sei lá o que, e aproveitar os últimos anos de vida da nossa espécie sozinhos um com o outro.

Foi bom enquanto durou. Sentiremos falta de vocês.

100%
DE DESCONTO



DECOMPOMO-TE

NOTA: NOVO FRAGMENTO PROTOZOÓTICO TRADUZIDO

por Olívia Castro, PhD em Therolinguística

O fragmento traduzido a seguir compõe a série "Onomatopeias escatológicas", resgatada recentemente em uma composteira no interior de Misiones.

"Mas eu não gostei e ainda não gosto de fazer um culto ao conhecimento dos ancilostomídeos, de nos orgulharmos de ter formas que os humanos não têm, da profunda sabedoria instintiva dos ancilostomídeos, do conhecimento instintivo dos ancilostomídeos sobre a Reprodução da espécie, e assim por diante. Tudo isso muitas vezes apenas reforça a ideia humanista dos ancilostomídeos como primitivos e inferiores - a vida dos ancilostomídeos como elementar, primitivo, sempre abaixo, nas raízes escuras, enquanto os humanos cultivam e possuem as flores e colheitas que emergem para a luz. Mas por que os ancilostomídeos deveriam continuar rastejando como bactérias enquanto os humanos vivem? Por que os ancilostomídeos deveriam reproduzir cegamente enquanto os humanos deveriam pensar?"⁶

⁶ Baseado no ensaio "What Women Know" (Le Guin, 2019).

Também da série "Onomatopeias escatológicas", o fragmento a seguir, que ficou muito popular entre os humanos, é conhecido como "Manifesto parasita":

“UM CORPO É UM ECOSSISTEMA TANTO QUANTO UMA FLORESTA

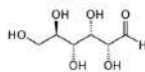
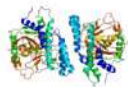
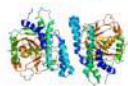
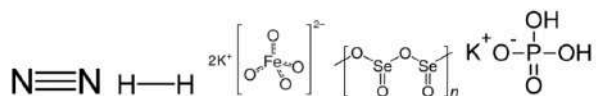
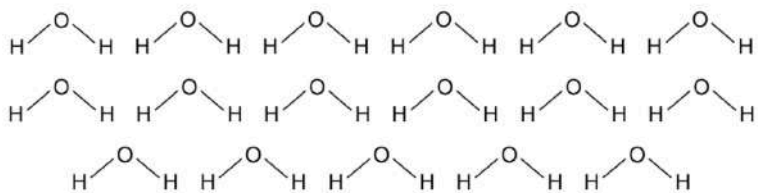
OS SEUS MICROSCÓPIOS SÃO MAIS IMPORTANTES QUE SUAS LUNETAS

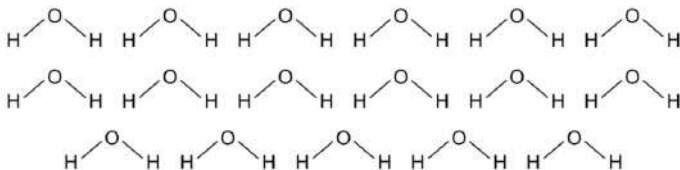
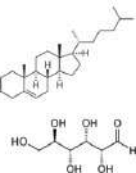
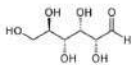
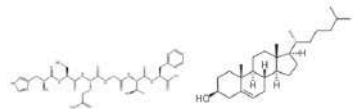
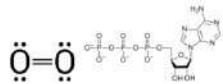
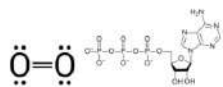
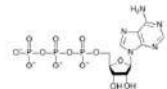
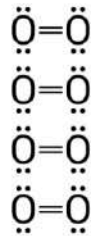
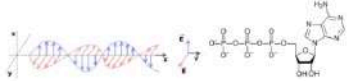
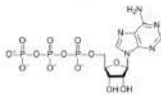
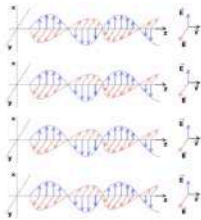
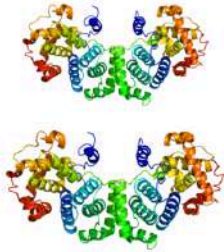
ALIMENTAR OS COMPANHEIROS É UM PRIVILÉGIO

A MORTE NÃO EXISTE; A VIDA É UM CICLO; NÓS SOMOS VOCÊ SOU EU É NÓS

TODAS AS RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS SÃO VÁLIDAS

CASA E COMIDA PARA OS PARASITAS JÁ!”





LUCA: TRADUÇÃO

nitrogênio

hidrogênio

ferro

selênio

fósforo

cópia

cópia

cópia

cópia

ERRO

ERRO

ERRO

ERRO

mudança

carbono carbono carbono carbono carbono carbono hidrogênio
hidrogênio hidrogênio hidrogênio hidrogênio hidrogênio hidrogênio
hidrogênio hidrogênio hidrogênio hidrogênio hidrogênio oxigênio
oxigênio oxigênio oxigênio oxigênio oxigênio

divisão

divi são

d i v i s ã o

	d	i	v	i	s	ã	o	
D		I		V		I		S
				Ã		O		

DIVI

DUPLI

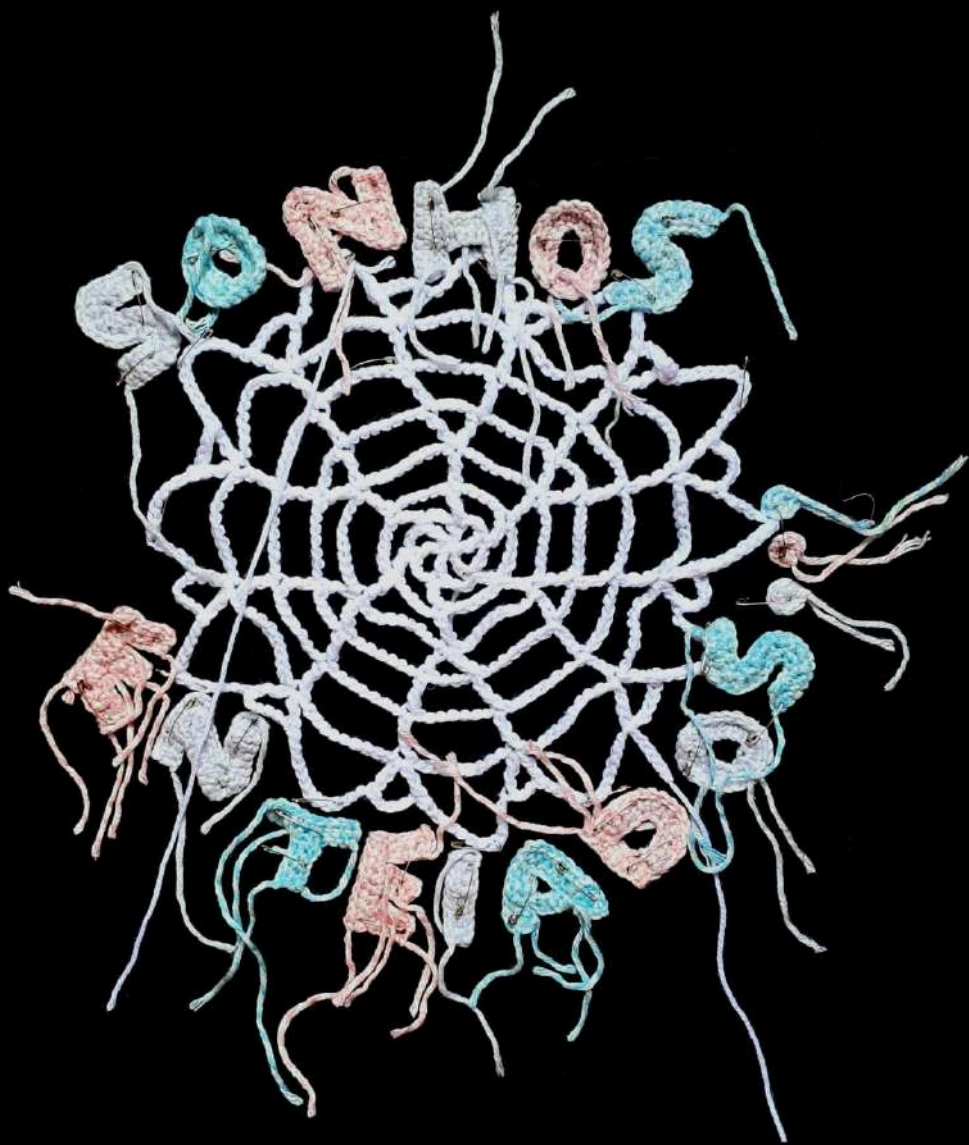
DIDO

CADO

ENCAPSULADO

INTRUSO INTRUSO
 INTRUSO INTRUSO
 INTRUSO amigo? INTRUSO
 INTRUSO INTRUSO
 INTRUSO INTRUSO amigo?
 amigo amigo amigo
 você eu sou nós somos eu
 luz
 luz
 luz
 luz
 energia
 luzenergia luzenergia
 carbono oxigênio oxigênio
 hidrogênio hidrogênio oxigênio
 carbono carbono carbono
 carbono carbono carbono
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio oxigênio
 oxigênio oxigênio oxigênio
 oxigênio oxigênio

A PELE ENTRA O CERNE
 REVERTE A GORDURA
 RECOBRE TODO EU
 INTRUSO INTRUSO
 INTRUSO INTRUSO
 INTRUSO amigo? INTRUSO
 INTRUSO INTRUSO
 INTRUSO INTRUSO amigo?
 amigo amigo amigo
 você eu sou nós somos eu
 oxigênio
 oxigênio
 oxigênio
 oxigênio
 energia
 oxigênioenergiaoxigênioenergia
 fome
 abraço
 carbono carbono carbono
 carbono carbono carbono
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio
 hidrogênio hidrogênio oxigênio
 oxigênio oxigênio oxigênio
 oxigênio oxigênio



...PESADELÓS ARACNOCÓSMICOS

Contar histórias é uma competência dos aracnídeos, suas palavras em geral são mais armadilhas ou abrigos? (Despret, 2022, p. 31).

Certa manhã, ao despertar de sonhos agitados, Daniele Borba deu consigo na cama transformada em uma aranha monstruosa⁷. Jazia de costas, umas costas peludas, e, erguendo um pouco o cefalotórax, viu suas patas compridas, marrons, divididas em segmentos peludos, sobre as quais a coberta estava prestes a escorregar e cair, e suas muitas patas, lamentavelmente finas para aquele corpo enorme, agitavam-se indefesas diante dos seus olhos.

“O que aconteceu comigo?” — pensou ela. Não era um sonho. O quarto, um aposento humano comum e corrente, ainda que um tanto pequeno, mantinha-se tranquilamente entre suas quatro conhecidas paredes. Acima da mesa, na qual se espalhavam diversos aparelhos eletrônicos — Borba jogava videogames —, estava pendurado o cartaz que, pouco tempo antes, ela havia arrancado de uma revista e pendurado descuidadamente com fita. Mostrava um senhor que, de gorro e bengala, se apoiava com o corpo numa cerca de madeira em seu quintal, repleto de plantas.

Daniele dirigiu o olhar para a janela, e o tempo nublado — ouvia-se o tamborilar das gotas de chuva na janela — a encheu de melancolia.

⁷ Inspirado em A Metamorfose (Kafka, 1997).

Olhe, eu não queria ser um estudante de Biologia.⁸

Se você está lendo isto porque acha que pode ser um, meu conselho é o seguinte: feche este PDF agora mesmo.

Acredite em qualquer mentira que seu orientador ou orientadora lhe contou sobre seu curso, e tente levar uma vida normal.

Ser estudante de Biologia é perigoso. É assustador. Na maioria das vezes, acaba com a gente de um jeito penoso e detestável.

Se você é uma pessoa normal, que está lendo isto porque acha que é ficção, ótimo. Continue lendo. Eu o invejo por ser capaz de acreditar que nada disso é possível. Mas, se você se reconhecer nestas páginas – se sentir alguma coisa emocionante lá dentro -, pare de ler imediatamente. Você pode ser um de nós. E, uma vez que fica sabendo disso, é apenas uma questão de tempo antes que eles também sintam isso, e venham atrás de você. Não diga que eu não avisei.

FASMÍDEO INSULINDIANO⁹ — A sua companhia é um presente, camarada. Você vai ser a fagulha desta revolução. Revachol¹⁰ precisa disso.

⁸ Inspirado em O Ladrão de Raios (Riordan, 2009), primeiro livro da série Percy Jackson, um dos meus primeiros amores pela literatura.

⁹ Inspirado no videogame Disco Elysium (ZA/UM, 2019), no qual a relação dos personagens com a possível existência de um inseto representa as suas próprias percepções sobre o mundo.

¹⁰ Cidade onde se passa a história principal do videogame Disco Elysium.

VOLIÇÃO [Lendário: Falhou] — Eles precisam de alguém mais corajoso.

VOCÊ — Mas eu não sou a melhor pessoa para isso... eu não me dou bem com todos os artrópodes, ou morro de medo deles ou mato eles sem dó... eu estou tentando, mas é tão difícil...

ARACNE — Mas mesmo assim você admite que nós também somos Revacholianos.

FASMÍDEO INSULINDIANO — Você vai se juntar a nós, Dan?

CALAFRIOS — Por toda a extensão da costa, insetos e seus parentes saem de suas tocas escuras, esfregam suas patas ou suas asas ou suas mandíbulas. O sibilo quase imperceptível pode ser ouvido por toda Revachol.

VOCÊ/ARACNE — Eu aceito.

Passa o fio, entra no ponto, puxa o fio, tira dois, tira dois.

Pisca. A agulha de crochê cai no chão. O fio conecta-se às minhas costas. Pisca. Tenho polegares, e abaixo-me para pegar a agulha do chão. Pisca. Minhas patas estão enroladas em um fio fino e brilhante. Pisca. Tento pegar a agulha do chão novamente. Pisca. Meu quarto todo está coberto de teia.

Seres tentaculares não fazem bons amigurumis.

Possuo uma extensão no navegador que permite remover todas as imagens de qualquer página, o que me foi muito útil quando

cursei Zoologia de Invertebrados II junto com a minha aracnofobia. Recentemente, contaram-me de uma aranha que responde perguntas sobre o futuro, e fiquei curiosa sobre o preço desse serviço. Ativei a extensão para não me assustar com a visão de oito pernas cabeludas, mas quando entrei no site, um zunido intenso invadiu meus ouvidos, e tive que fechar a página.

Aracne desenha letras prateadas na parede com seu fio infinitamente macio. Perna por perna, desce os degraus e tece a mensagem na parede¹¹. Após passar por tão linda transformação, deseja que todos que encontrarem a Torre no futuro ouçam as suas palavras e se permitam mutar. Ela se aproxima da porta brilhante.

- Você já ouviu falar de política artrópoda? Nem eu. Artrópodes não têm política¹². Eles são brutais. Não têm compaixão. Não dá pra confiar nos artrópodes. Mas eu gostaria de me tornar o primeiro... o primeiro político artrópode. Eu gostaria, mas eu tenho medo.

- Não estou entendendo o que você quer dizer...

¹¹ Inspirado no livro Aniquilação (Vandermeer, 2018), uma história protagonizada por uma bióloga, na qual os encontros entre humanos e não-humanos alteram a própria realidade.

¹² Adaptado de A Mosca (1986), que conheci antes dos estudos multiespécies, e de alguma forma me preparou para este encontro.

- Estou dizendo que... Eu não me sinto mais muito humano. Eu estou dizendo que eu sou um artrópode que sonhou que era humano e amou isso. Mas agora o sonho acabou... e o artrópode está acordado.

Olhos brotam pelo meu corpo; membros irrompem de minha pele, humanos e arácnicos, enquanto outros apodrecem e caem. Alguém está berrando, talvez mais de uma pessoa, e não sei se sou uma delas. Mais do que um não-amado, torno-me um desamado, um odiado, um ser repulsivo.

Não sei mais quantos membros tenho; já não sei dizer com quantos olhos enxergo essa teia. Morro comigo próprio: teci meu leito de morte, e nele me deito como um abraço. Minha armadilha, meu abrigo.

Se no estágio atual de nossos conhecimentos não podemos afirmar que as aranhas tentam deliberadamente nos dizer algo, podemos pensar, sem hesitar, que existe algo que merece ser ouvido (Despret, 2022, p. 28).

HOJE FUI À PRAIA VER MEU AMIGO SURFAR. DEPOIS QUE ELE GUARDOU SUA PRANCHA, ANDEI NA AREIA PARA MOLHAR OS PÉS E VI UMA COISA CURIOSA: UM PEIXE MOVIMENTAVA-SE PARA FRENTE E PARA TRÁS COM O MOVIMENTO DAS ONDAS. FIQUEI PREOCUPADA QUE ELE ESTIVESSE MACHUCADO, MAS DE REPENTE ELE SAIU NADANDO PARA LONGE. OLHEI PARA O MAR E AO VER MINHA SURPRESA ELE DISSE: “UÉ, O MEU AMIGO TAMBÉM SABE SURFAR”.

JORNAL MULTIESPÉCIES

Maio de 2023

● www.jornalmultiespecies.br ●

Meiembipe

Novos parentes
preocupam siris

...Pág. 2

Nascimento de
novo filhote de
bugio-ruivo alegra
moradores de Ilha
no Atlântico

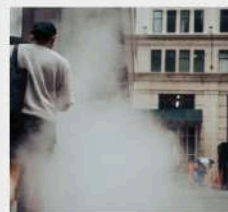
...Pág. 2



Fonte: Daniel de Granville/Silvestres SC

Morre a última bactéria que
residia em uma carcaça de
roedor em Ituporanga; ela
não possuía “nome científico”

...Pág. 4



Fonte: GUPE/UEPG

Entrevista com uma arqueia

...Pág. 7

NOTA DE FALECIMENTO

Morre araucária de 422
anos de idade;
companheiras prestam
suas homenagens. A causa
da morte está sendo
investigada pelas
autoridades competentes.
Testemunhas sugerem
influência das mudanças
climáticas. (Pág. 11)

Seção de arte: página 8

COMO AMAR OS DESAMADOS: 10 PASSOS SIMPLES PARA APRECIAR SERES SEM APELO ÉTICO AOS HUMANOS

1. Lembre-se que nem todos têm a mesma quantidade de braços que você.

A distância filogenética e as diferenças morfológicas não são tão assustadoras quanto parecem. O desconhecido assusta, mas isso não quer dizer que ele é mau. Faça das diferenças um ponto de encontro.

2. Olhe para baixo.

A maioria dos seres com quem você divide esse planeta são bem menores do que você. Para você prestar atenção neles, precisa olhar para o chão com atenção. A princípio não verá muito: é preciso treinar o olhar para perceber a diferença entre o barro e as criaturas que andam por ele. Tire um tempo para observá-los, pois um olhar de relance não será o suficiente para criar uma conexão. É necessário traçar sua caminhada, seus comportamentos, onde sua curiosidade os leva e por quê eles estão ali. A admiração começa com o olhar.

3. Entenda que cada um tem a sua própria vida.

Talvez ela não seja tão complexa quanto a sua, mas ela existe. Seres rastejantes tem lugares onde preferem dormir, comidas que preferem comer, seres com quem convivem, parentes, lugares para ir, ovos para colocar. Assim como toda outra pessoa que você conhece tem uma vida inteira independente de você, assim também têm os seres rastejantes.

4. Outros estão aqui há bem mais tempo do que você.

Embora isso seja um choque para muitas pessoas, os seres humanos não são os donos do Planeta Terra. Os primeiros seres vivos surgiram há cerca de 3,5 bilhões de anos, enquanto os seres humanos surgiram há apenas 200 mil anos. Bilhões de seres viveram e morreram nessa Terra antes dos humanos andarem eretos. Respeite o fato de que o mundo não foi criado para você.

5. Você precisa deles e eles precisam de você.

Predadores de topo de cadeia precisam daqueles na base para não caírem. As plantas alimentam os herbívoros que alimentam os carnívoros que alimentam você, que alimentará os fungos e

bactérias. O único modo de viver e sobreviver é precisando dos outros-que-humanos.

6. A beleza está nos olhos de quem vê.

Ao mesmo tempo que existem ofidiofóbicos, existem herpetólogos. De alguma forma, existem pessoas que não gostam de gatos, mas isso não significa que gatos são inerentemente maus ou feios. Todos temos opiniões e gostos, e estes não refletem o valor intrínseco das coisas. Assim, é necessário admitir que todo ser pode ser amado por alguém, mesmo que ele não tenha um apelo ético para você especificamente. Amar os desamados requer obrigatoriamente confrontar-se com o seu próprio preconceito estético.

7. Você poderia ter sido uma aranha.

Coloque-se no lugar dos outros. Se você fosse uma aranha andando, seguindo seu caminho, cuidando da própria vida, provavelmente não gostaria que um ser muito maior que você a matasse por simplesmente existir. Outros-que-humanos não merecem ser mortos apenas por não terem apelo ético. É difícil

superar uma fobia, mas é possível treinar as suas emoções para que a sua primeira reação não seja a de violência.

8. Não há outro lugar que não juntos.

Até onde sabemos não há nenhum outro planeta habitável onde conseguimos chegar, nem outro planeta que possua vida complexa como o nosso. Estamos sozinhos no universo, uns com os outros nessa rocha. É a nossa casa, de todos nós, e é a única que temos. Somos obrigados a dividi-la e, como qualquer pessoa que já teve colegas de apartamento sabe, a casa é muito mais feliz quando todos respeitam uns aos outros, mesmo que isso signifique cada um em seu canto.

9. Toda relação exige tempo e esforço.

Não é possível curar uma aracnofobia em um dia, mas é preciso começar em algum momento. Um dia, você vai ver um inseto e precisará tomar a decisão pela primeira vez de deixá-lo em paz, e com o tempo é possível se acostumar com a presença deles. Faça esse esforço e o tempo lhe dará companheiros.

10. Estamos todos conectados.

Grudados, entrelaçados, emaranhados nessa maravilhosa e aterrorizante conjuntura de viver e morrer na Terra. Todos nós viemos da mesma célula ancestral e vamos ser decompostos para formar os seres que vierem depois de nós. Somos feitos dos mesmos átomos, e é só coincidência que no momento os seus formam você e não eu ou uma lagartixa. A vida é uma coincidência incrível, toda vida. Ame a sua e a dos outros.

OCUPAR AS RUÍNAS

Ocupar é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as possibilidades estejam contra nós. É recusar — e também se recuperar. Se quisermos viver, devemos aprender a ocupar até os espaços mais degradados da vida na Terra. Nossa raiva é necessária. Sem isso, nós definhamos (Tsing, 2019, p. 87).

Há quase dois anos, quando esse trabalho ainda estava nascendo, fui parar no CCB antigo¹³: um prédio labiríntico caindo aos pedaços, tomado por pichações e por plantas crescendo para cima do concreto, ambas evidências de que existiu e ainda existe vida ali. Imaginei como teria sido ter todas minhas aulas nesse prédio, e pensei em todos os professores e colegas que passaram por ali; de quanta vida aquele lugar já presenciou, e tudo que ele já significou para estudantes de Biologia antes de mim. Nesse cenário “pós-apocalíptico”, fui tomada por uma solidão climática

¹³ O CCB “antigo” é o prédio onde ainda se encontra o departamento de Ciências Morfológicas, mas que no passado abrigava quase todos os departamentos do Centro de Ciências Biológicas. Após a construção dos prédios novos para estes departamentos, do outro lado do campus, a maioria das aulas acontece nesse local, e o prédio original do CCB encontra-se em péssimo estado.

intensa, e não pude evitar o dramático pensamento de que um dia o planeta todo seria assim. É difícil escapar dos sentimentos negativos quando falamos sobre mudanças climáticas, mas em algum momento dessa pesquisa, a solidão deu espaço à conexão, ao companheirismo. Não um suposto amor por todos os seres do planeta, mas um respeito mútuo que vêm do conhecimento que precisaremos uns dos outros para inventar novas formas de sobreviver juntos à crise climática.

Assim, o resultado final desse trabalho é muito diferente da ideia inicial da pesquisa, porém acredito que isso é algo positivo: significa que consegui seguir os conselhos da pesquisa cartográfica e acolher os rumos que o trabalho quis seguir.

Além da pesquisa em si, os modos de dizer que consideramos mais apropriados mudaram e ainda estão mudando. Principalmente, o termo “não-humanos” foi abandonado em favor do termo “outros-que-humanos”. Esse desenvolvimento ocorreu nos estágios tardios da escrita, e relutei em abandonar aquele termo que havia aberto tantas portas para mim. Quis ler sobre para entender melhor como

tomar essa decisão, mas, ao contrário do que eu esperava, não encontrei nenhum artigo existente sobre o uso de “mais-que-humanos” no lugar de “não-humanos”, como encontrei sobre o uso de “impercepção botânica” no lugar de “cegueira botânica”. Assim, o uso do termo escolhido é uma decisão provisória, incerta, uma experimentação com os possíveis modos de dizer.

Os estudos multiespécies foram um divisor de águas na minha trajetória formativa. Conhecer esse campo me permitiu entrar em contato com autores e ideias dos quais eu precisava para fazer sentido da minha posição no mundo e na Biologia. Uma das aplicações mais práticas de tudo que aprendi, e que se reflete neste trabalho, é a linguagem: o modo como dizemos as coisas importa, pois molda o modo como experienciamos o mundo. Em diversos momentos, inclusive durante aulas do Estágio Supervisionado, me pego dizendo “pessoas”, quando poderia dizer “animais”, ou dizendo “animais”, quando quero dizer “animais outros-que-humanos”, ou mesmo dizendo “animais”, quando quero dizer seres vivos.

Muito além da minha própria percepção, os estudos multiespécies influenciaram a minha (atual e futura) prática pedagógica. Percebo que nas aulas de Ciências e Biologia ainda há um enfoque desproporcional nos humanos: em uma aula do Estágio Supervisionado no ensino de Ciências e Biologia¹⁴, sobre Genética, me pego falando de hereditariedade em termos humanos, usando apenas exemplos humanos e termos de parentesco para humanos. Vejo nos estudos multiespécies uma oportunidade para mais-que-humanizar o ensino de Ciências, explorar novas formas de encontrar com os conteúdos e imaginar futuros possíveis em conjunto, dentro da sala de aula.

O protocolo científico pede de uma conclusão: “os objetivos dessa pesquisa foram atingidos”?

Não sei, mas sempre soube que atingir estes objetivos não é algo que se faz uma vez, e sim um esforço contínuo para o resto da minha vida. No geral, aprendi a repensar minhas

¹⁴ O Estágio Supervisionado é uma disciplina obrigatória no curso de Licenciatura, que insere os estudantes de graduação no espaço escolar. Comecei o Estágio no início desse ano, portanto a trajetória de começar a me reconhecer como professor se entrelaçou com a trajetória dessa pesquisa.

relações com outros-que-humanos, mas isso não significa que eu não tenho mais medo de alguns animais ou que eu pessoalmente consigo tratar todos os seres da mesma forma. Afinal, escrevo como um humano, e esse viés é impossível de ser superado.

A pesquisa que me propus a fazer pediu a distorção desse protocolo científico, necessitando uma abordagem mais livre e sensível, que me foi apresentada na forma da pesquisa cartográfica. Essa ética de pesquisa se alinhou com os meus desejos e desconfortos com a ciência dura, e me levou a explorar impulsos artísticos que eu nunca teria satisfeito se não por este projeto, principalmente a escrita criativa.

Enquanto foi libertador em diversos aspectos fazer um trabalho mais artístico que biológico, isso não significa que foi mais fácil. Fazer um trabalho científico aberto às forças expressivas que pedem passagem é difícil. Traduzir uma emoção ou um pensamento para um meio artístico exige um grande esforço intelectual e emocional, principalmente nesse caso, onde precisei tomar cuidado para não dizer-sobre, e sim

dizer-com. Enfrentei algumas resistências e estranhamentos à pesquisa que conduzia, e tive que aprender a lidar com a frustração quando algum texto não funcionava da forma que eu esperava, mas estes empecilhos me ajudaram a pensar de forma diferente e buscar novas formas de expressão.

Após todas as leituras que realizei ao longo deste TCC, vejo que a conexão entre todos os textos sobre as formas de viver-com é que ocupar as ruínas se faz em passos minúsculos, tateantes e incertos, e essa pesquisa é apenas mais um deles.

Infelizmente, não perdi o meu medo de aranhas, e acho que nunca vou. Mas elas são minhas companheiras neste planeta perturbado, e espero continuar tecendo histórias e futuros conjuntos neste esforço contínuo de amar os não-amados.

REFERÊNCIAS

A MOSCA. Direção: David Cronenberg. Produção: Stuart Cornfeld. Intérpretes: Jeff Goldblum; Geena Davis; John Getz; et al. Estados Unidos: Brooksfilms, 1986. 1 filme (96 min), son., color.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura.** Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. 159 p.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses.** [S. l.]: Dantes Editora, 2020. 228 p.

COSTA, L. B. da. **A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa.** Paralelo 31, v. 2, n. 15, p. 10, 10 dez. 2020.

COSTA, L. B. da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Revista Digital do LAV, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 22 jul. 2024.

DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo: e outras narrativas de antecipação.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

DESPRET, Vinciane. **Afterword: it is an entire world that has disappeared.** In: ROSE, D. B.; VAN DOOREN, T.; CHRULEW, M. (Ed.). *Extinction studies: stories of time, death*

and generations. New York: Columbia University Press, 2017. p. 217-222.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras : cachorros, pessoas e alteridade significativa.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes.** Tradução de Susana Dias; Mara Verônica; Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016.

Disponível em:

<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capit-aloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>.

Acesso em: 15 jul. 2025.

KAFKA, Franz. **A metamorfose.** Tradução de Modesto Carone. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LE GUIN, Ursula K. **The Carrier Bag Theory of Fiction.** In: LE GUIN, Ursula K. *Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places.* New York: Grove Press, 1989. p. 165-170.

LE GUIN, Ursula K. **The Author of the Acacia Seeds and Other Extracts from the Journal of the Association of Therolinguistics.** In: LE GUIN, Ursula K. *The Compass Rose.* New York: Harper & Row, 1982. p. 186-192.

LE GUIN, Ursula K. **What Women Know.** In: LE GUIN, Ursula K. **Words are my matter: writings about life and books, 2000-2016.** Boston: Mariner Books, 2019. p. 86-91.

MCCONAGHY, Charlotte. **Migrations**. [S. l.]: Penguin Canada, 2021. 272 p.

MOSCHETA, Marcelo. **Linnaeus**. ClimaCom – Diante dos negacionismos [online], Campinas, ano 8, n. 21, dez. 2021. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/linnaeus/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

NATAL, Jéssica. **Grupo com professores da UEPG descobre registro rupestre inédito de araucárias**. Disponível em: <https://www.uepg.br/gupe-araucarias/>. Acesso em: 10 set. 2025.

PEREIRA, Ana Paula, POLI, Bruno Novaes, MASSAROLO, Jorge Luis, RAMOS, Maria Madalena Felinto Pinho, VILELA, Mariana Vilela, SIMIONATO, Maurício, SIMONI, Néliane Catarina, VILLANOVA, Pâmella De Caprio e DIAS, Susana Oliveira. **Árvores companheiras**. ClimaCom – Epidemiologias [online], Campinas, ano 7, n. 19. dezembro. 2020. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/arvores-companheiras/>

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Tradução de Letícia Mei e Carolina Cordeiro. São Paulo: n-1 edições, 2022.

RANNIERY, Thiago; TERRA, Nathália. **Abomináveis amores entre estranhos**. Educação & Realidade, [S. l.], v. 48, 2023.

DOI: 10.1590/2175-6236124090vs01. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/124090>. Acesso em: 31 jul. 2024.

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e o ladrão de raios**. Tradução de Ricardo Gouveia. 1. ed. São Paulo: Intrínseca, 2009.

ROSE, D. B.; VAN DOOREN, T.; CHRULEW, M. **Extinction studies: stories of time, death and generations**. New York: Columbia University Press, 2017.

SALES, Tiago Amaral. **Vida**. ClimaCom – Ciência. Vida. Educação [online], Campinas, ano 10, n. 24, abr. 2023. Disponível em:
<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/vida/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

THE MOUNTAIN GOATS. **"Deuteronomy 2:10"**. In: The life of the world to come. Estados Unidos: 4AD, 2009. 1 CD (faixa 9), son., estéreo.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019. 284 p.

VANDERMEER, Jeff. **Aniquilação**. Tradução de Adriana Lisboa. São Paulo: Intrínseca, 2018.

VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. **Estudos multiespécies: cultivando artes de atenção**. Tradução de Susana Oliveira Dias. ClimaCom [online], Campinas, ano 3, n. 7, p. 39-66, dez. 2016. Disponível em:

<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

ZA/UM. **Disco Elysium: The Final Cut**. Versão PC.
Microsoft Windows: ZA/UM, 2019.